

5

Platô 4

O neutro, a internet e o orkut Clarice

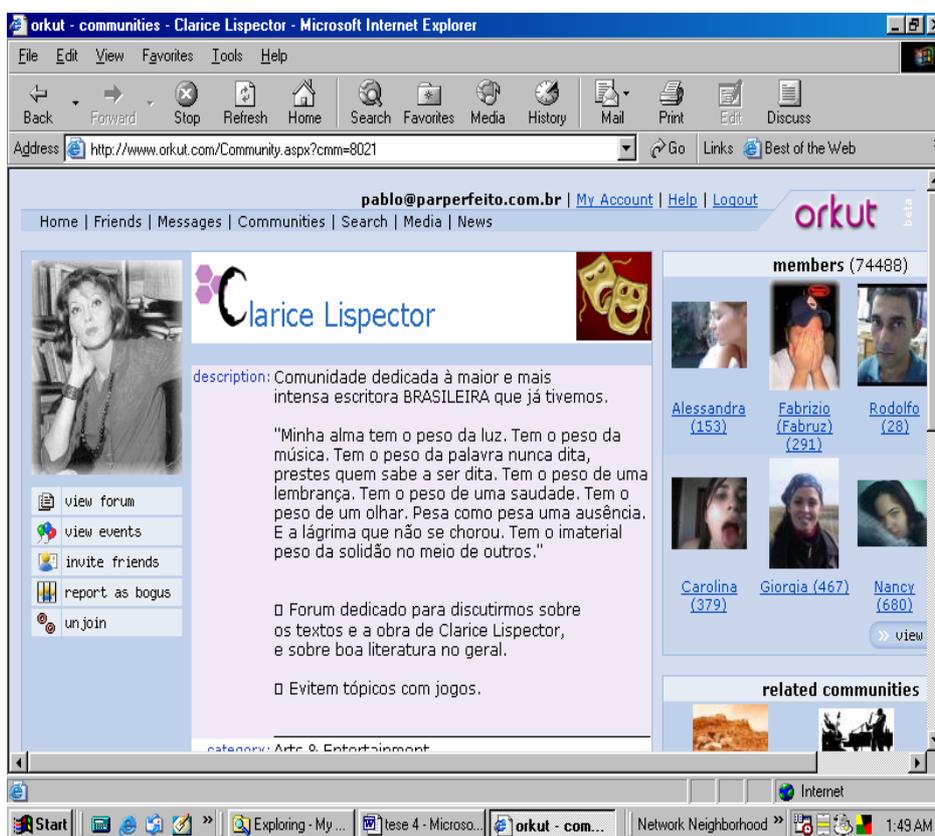
E novamente, em um devir próprio ao *hiperlink*, a tese retorna para a questão do Neutro, mas na internet. O Neutro como pura individuação, sem se ater às categorias de sujeito nem objeto, mas à singularidade. Fazer platô para deixar atravessar o pensamento do Fora, eis a tarefa do escritor que se entrega ao ser da linguagem, ao *acontecimento* como algo que se força a pensar, que não se pode conhecer. Pensamento do Fora. Estar à disposição, se negar como ego, para ser um circuito de intensidades.

E, ainda seguindo um grafismo típico dos *sites* de *social networking*, se fará agora uma conexão com o Orkut e uma navegação sobre Clarice Lispector. A intenção é fazer os primeiros enlaçamentos entre o Neutro, o Fora, e a internet. Para tanto, se coloca no espaço de buscas de comunidades no Orkut, o *acontecimento* Clarice Lispector. Basta seguir o heterônimo gráfico letras/imagem de pegada:

Kbeca em 19/01/2006 - 03h05m escreveu:

```
(...)... Oooo..
.\.(.....(..)..
..\_)......)/..
.....(_/.TÔ PASSANDO!!!
oooO
(...)... Oooo..
.\.(.....(..)..
..\_)......)/..
.....(_/..TÔ PASSANDO
oooO
(...)... Oooo..
.\.(.....(..)..
..\_)......)/..
..... (_/... CALMA..TÔ PASSANDO!!
oooO
(...)... Oooo..
.\.(.....(..)..
..\_)......)/...
```

"Minha alma tem o peso da luz. Tem o peso da música. Tem o peso da palavra nunca dita, prestes quem sabe a ser dita. Tem o peso de uma lembrança. Tem o peso de uma saudade. Tem o peso de um olhar. Pesa como pesa uma ausência. E a lágrima que não se chorou. Tem o imaterial peso da solidão no meio de outros." Clarice Lispector, comunidade no orkut, 74.488, usuários conectados.



São quase 75 mil pessoas, participantes da comunidade Clarice Lispector, no Orkut. Uma das características principais dos *sites de social networking* é uma ferramenta básica de edição de textos que permite a criação de comunidades. Qualquer um, a qualquer momento pode criar a sua, sobre o tema que quiser. É possível colocar uma foto e abrir ou não a comunidade à participação de amigos ou interessados. O autor da comunidade faz assim um papel de moderador e indica o que deve ou não ser feito nela, impõem ou deixa aberto o seu uso, a gerencia. As comunidades com muitos participantes tendem a ser mais abertas, sem exigências, e a própria participação rege por si as normas de conduta. Comportamento comum na internet. A auto-regulação sem normas a priori. Elas ainda têm uma ferramenta que possibilita a criação de tópicos. E qualquer

participante pode criar tópicos e fóruns de discussão e convidar outras pessoas para abordar o tema levantado.

Mas como a comunidade Clarice Lispector poderá efetivamente contribuir com esta tese? Antes cabe um esclarecimento. Neste instante se pretende iniciar o enlaçamento entre o conceito do Fora, o Neutro e as comunidades de escritores, poetas, enfim, artistas, nos *sites* de *social networking*, entre elas, a de Clarice Lispector. Entretanto, será preciso relembrar como a internet pode ser considerada um rizoma digital, e como ele (o rizoma) promoverá a conexão, o platô intensivo, que fará uma dobra conceitual com o conceito do Fora, enunciados por Maurice Blanchot e Gilles Deleuze até então. É importante afirmar que as conexões na web não se exercem apenas no aspecto físico ou da polaridade eletrônica (positivo/negativo) do *hiperlink*, mas, sobretudo, a partir dos vários entrelaçamentos dos sentidos no rizoma digital, localizáveis nas escrituras, nos conteúdos dos *blogs* e *sites* de *social networking*. Para tanto, cumpre destacar o seguinte trecho, no qual Pierre Lévy reforça:

A obra da cibercultura participa desses rizomas, deste plano de imanência do ciberespaço. É portanto, desde o princípio, perfurada por túneis ou falhas que a abrem para um exterior inassinalável e conectado por natureza (ou à espera de conexão) com pessoas, com fluxos de dados. Eis o hipertexto global, o metamundo virtual em metamorfose perpétua, o fluxo musical ou icônico na enchente. Cada um é chamado a tornar-se um operador singular, qualitativamente diferente, na transformação do hiperdocumento universal e intotalizável. Entre o engenheiro e o visitante de mundos virtuais, todo um contínuo se estende.⁴³

Como bem explicita Pierre Lévy, é de se notar que os rizomas expressos nos conteúdos dos *sites*, imanentes ao rizoma intensivo eletrônico, são verdadeiros túneis suscetíveis à hiperconectividade, além de potencializarem a relação do conceito do Fora com o aspecto humano presente na rede. Quanto mais se navega mais fica clara a capacidade da internet afetar as pessoas. As emoções, sentimentos, sensações, expressos nesses conteúdos, são os elementos humanos indispensáveis para o rizoma internet fazer conexão com o pensamento do Fora – é o que se quer provar. De qualquer maneira, há descontinuidades, desconexões,

⁴³ Lévy, P, 2000, pp. 148-9.

que remetem a trechos orgânicos, onde o sentido é restabelecido e logo depois, relativizado, numa alternância incessante. Numa “dança” nova do ritmo dos significantes e significados, e lógico, dos sentidos (não-ser da linguagem) – seguindo sempre a influência do pensamento rizomático, invisível, que é, em última análise, responsável pela interatividade de todas as inteligências⁴⁴ e sensibilidades que contribuem para realizar ou co-agir sobre a obra digital. A emergência de novos sentidos e o aumento da potência de suas linhas de fuga são recorrentes na web, como conclui Pierre Lévy:

A cibercultura encarna a forma horizontal, simultânea, puramente espacial, da transmissão. Só encadeia no tempo por acréscimo. Sua principal operação é a de conectar no espaço, de construir e de estender os rizomas do sentido.⁴⁵

A transversalidade⁴⁶, característica das ligações entre os *hiperlinks*, nas homepages e *sites*, torna-se visível também no entrelaçamento das escrituras digitais dos textos na web. A pululação das conexões, em um dado momento múltiplo, se horizontaliza, penetrando nos textos digitais, perfurando-os pelo meio, expandindo-se infinitamente⁴⁷ até, e se for o caso, para fora da rede, como fazem os rizomas. Sim, o rizoma como condição de possibilidade para se fazer conexão com o pensamento do Fora, do Neutro, é o que esta tese mostrará agora.

Aproveitamos mais um grafismo/transporte para voltar para a comunidade Clarice Lispector, e perceber como ela fará agenciamento com o livro *A paixão Segundo G.H.*, fora e dentro da rede.

```
|"....."||_
|.....*CLARICE*..|||"__
|_____ - ||_|___|)
!(@)"(@)""""*!(@)(@)***!(@)""
```

⁴⁴ Lévy, P, 2000, p. 194: “O nervo do ciberespaço não é o consumo de informações ou de serviços interativos, mas a participação em um processo social de inteligência coletiva.”

⁴⁵ Lévy, P, 2000, p. 249.

⁴⁶ Lévy, P, 2000, p. 160: “A *Web* articula uma multiplicidade aberta de pontos de vista, mas essa articulação é feita transversalmente, em rizoma, sem o ponto de vista de um Deus...”

⁴⁷ Imagem que podia ser vista no *site* do Discovery. Hoje ela não está mais no ar. Nada que não expresse a singularidade web, ela é veloz e está em constante mudança.

Entre os tópicos da comunidade Clarice Lispector, os títulos mais acessados são: “O lado mulher de Clarice”; “Pensar é um ato, sentir é um fato”; “Frases de Clarice, citem outras...”; “Três perguntas de Clarice”; “Melhor Frase”; “Compro Livros de Clarice, interessado?”; “Como conheci Clarice Lispector”; “Download – mp3 – entrevista – Clarice Lispector”; “Clarice e seus aspectos – a respeito da entrevista”; “O que significa G.H?” “A Paixão Segundo G.H”; entre outros temas.

Os *sites* de *social networking* têm como característica fundamental a capacidade de edição de comentários. Qualquer usuário pode “postar” sua opinião sobre a infinidade de temas criados. A sensação que se tem é de que estas inserções caem como cometas. Basta passar algumas horas, ou 1 ou 2 dias, e os temas foram revirados de cabeça para baixo. A velocidade da internet, sua pulsação rizomática, interfere de forma decisiva na paisagem digital dos fóruns, onde são criados os temas a serem discutidos. A história contada por um professor que teria se desentendido com Clarice, no interior de seu quarto, antes dela ser a famosa escritora que foi, não levou mais que 1 dia para ser totalmente desmentida. Assim como foi esclarecida a autoria de textos que ela não escreveu. Estes “cometas”, sem dúvida, proliferam de maneira quase absurda. E é possível perceber que o pensamento caótico ganha visibilidade quando acompanhamos a evolução e o desenvolvimento desses comentários. Não é difícil ver postado uma entrevista com Clarice Lispector, em Mp3 (linguagem de áudio na internet), e encontrar *links*, nestes “posts”, para outros *sites*.

Não será preciso defender muito mais a tese da internet como rizoma (isso já foi feito na dissertação de mestrado). Fica claro que as forças humanas e digitais fazem rizomas, e se encontram pelo meio (dos *sites*, das comunidades, dos *blogs*, dos espíritos), aproveitando a alta conectividade da internet e seus movimentos e velocidades radicais. Mas não se está querendo dizer que estas manifestações expressam o pensamento do Fora. O Fora é ainda outra dimensão, outra coisa. Entretanto, estes movimentos exteriores de quedas caóticas de comentários, aqui e acolá, preparam a zona intensiva ou a condição de possibilidade para o seu *acontecimento*.

Não será difícil também observar que o que é “postado” pode incluir *links* para outros *sites* ou *blogs* e que eles podem criar outras vias de navegação para textos em outras “localidades” digitais. O rizoma a que se quer chegar é o do

sentido. Algo que se dobra e desdobra infinitamente em uma navegação espontânea, fluída. Os rizomas dos sentidos, a conexão com a humanidade de quem navega, isto sim, poderá nos levar ao conceito do Fora.

À moda do rizoma internet, esta tese se conecta com o “post” do usuário Júlio, que se dispõe a explicar aos outros usuários a origem e o significado das iniciais G.H, que intitula a obra de Clarice Lispector, *A Paixão Segundo G.H.* Ela sim, a obra, poderá nos dar alguma pista a respeito do conceito. A propósito: não se fará correções a trechos retirados da internet. Apenas porque se quer deixar visíveis as mutações da escrita, provenientes da condição rizomática da internet, a despeito das incorreções ortográficas e gramaticais. Júlio diz:

G.H. Género Humano 12/24/2005 5:38 PM Em seu livro *Água Viva*, escrito anos depois da *Paixão*, Clarice diz: "...a paixão de Cristo é o gênero humano". Mesmo com tanta evidência sugerindo que G.H. signifique Gênero Humano, também concordo que o que faz Clarice tão especial é seu uso abstrato da linguagem, permitindo assim que o leitor crie seus próprios significados. Por isto, cada vez que a leio, ela/eu muda (mudo). A língua em si muda e os símbolos (cada palavra e seu significados) estão num processo contínuo de mutação. Acho que o gênero humano, na verdade, o gênero vida reflete isso... mesmo que não saibamos, vivemos a *Paixão* a cada momento.

Júlio, sem o saber, inicia um outro curso na tese. Já insinua o aspecto mutável da linguagem. E ainda – mesmo que equivocadamente, afinal o que se altera é o sentido, o rizoma do sentido e não os significados – instaura uma reflexão sobre esta “torção” que a linguagem sofre. “O leitor cria seus próprios significados”, ele comenta. Aqui, nesta tese, se cria um encontro com a vida, como introduz Júlio. Talvez um diálogo. A dos *sites* de internet, orkuts, e o conceito de Fora, ou melhor, o Neutro, apenas para se seguir o nome que Maurice Blanchot dá ao conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari.

Será pertinente tornar mais explícito o conceito de Neutro. Sobretudo porque o conceito sofrerá um ligeiro devir para fazer um encontro com o Neutro, a que se refere Clarice Lispector, em *A Paixão Segundo G.H.* Tatiana Salem vem, novamente, trazendo imantações conceituais, expressões, singularidades que formam um todo instável, nos conceitos que apresenta dos filósofos citados acima. A respeito do Neutro, ainda citando a “errância” literária, ou propriamente poética, diz:

Errar no deserto como aquele que se desdobra para fora de si significa deixar-se lançar ao desconhecido. A relação do neutro como uma modalidade da relação com o Fora implica um contato direto com o desconhecido. Na verdade, o neutro é o próprio desconhecido, mas um desconhecido que não será nunca revelado, apenas indicado. Não se poderá jamais conhecê-lo. Isso porque o que Blanchot pretende ao fazer da literatura uma experiência do Fora é justamente a recusa das formas implicadas pelo conhecimento: a unidade, a identidade, o mesmo e a presença. O desconhecido não será nunca revelado, pois não está preso às regiões de visibilidade. Como neutro, ele é acessível à palavra apenas se não for mostrado, compreendido ou identificado. Se não pode ser conhecido, o desconhecido – que aqui se encontra sob a figura do neutro – não pertence então à categoria de objeto. Entretanto, não pertence também àquela de sujeito. O neutro é precisamente aquilo que não se distribui a nenhum gênero: não é objetivo, nem subjetivo. Neutro, apenas neutro.⁴⁸

“Como uma modalidade da relação com o Fora”. Esta frase anuncia uma lacuna conceitual, um interstício. O que quererá dizer? O desconhecido como uma modalidade, como um tipo de relação com o Fora. Sim, o Fora é sempre imanente e poderá sempre se manifestar infinitamente sob aspectos distintos, ou através de linhas de fuga heterogêneas. Maurice Blanchot indica que o Neutro se manifestará na literatura através da terceira pessoa, quando o Ele *acontece*, ao invés do eu. “O Ele que funda a experiência literária é, portanto, esse outro, que nada tem de mim. Um outro que é nunca eu, que permanece sempre como o inacessível, como o Fora absoluto”.⁴⁹ Na literatura de Marguerite Duras temos formas explícitas desta aparição, como em *A Doença da Morte*. Todo o livro é narrado em terceira pessoa. Mas em *A Paixão segundo de G.H*, Clarice Lispector vive o toque do indizível, esta singularidade impessoal, utilizando ainda a narração em primeira pessoa. É possível salientar que Clarice é mais didática, pois além de expressar uma obra a partir de um caminho crescente de aprofundamento – na superfície do exercício de escrever –, ela também o faz indicando a presença deste impessoal estado, desta neutralidade a que se submete, e que irá coincidir com a experiência do devir da vida. Coincidência que também insistirá em Deleuze. Afinal, os dois sabem apontar o desconhecido, o impossível de ser dito, o incompreensível. Mas este ponto se abordará um pouco mais adiante.

A história de *A Paixão segundo de G.H* se resume a de uma escultora que resolve fazer uma arrumação em seu apartamento de cobertura na Lagoa, na

⁴⁸ Levy, 2003, pp. 41-2.

⁴⁹ Levy, 2003, p. 48.

ausência de sua empregada, e se depara com uma barata. Esse *acontecimento* aparentemente banal (situação recorrente na obra da escritora – epifania), literalmente na forma que Deleuze o concebe, apresentará o incrível aparecimento do Neutro, ou da vida, no livro de Clarice Lispector. Mas todo o livro é um percurso realizado a partir de uma sensação, ademais como quase todos os livros da autora. É bom não esquecer que a singularidade da manifestação apontada por Maurice Blanchot resulta do não enquadramento do Neutro, como estado, nem em um objeto, nem por um sujeito, mas são por essência habitáveis nas sensações.

Já se disse neste trabalho que a sensação é aquilo que se furta à linguagem, que é justamente o desconhecido nela, o não-ser da linguagem. Devir puro e selvagem que se acomoda de forma irrequieta no sentido. Apenas quando se reencontra com a linguagem a sensação se torna sentimento. E esta tensão entre sensação e sentimento é uma predominância nas obras de Clarice Lispector. Mas para que isso ocorra, será sempre necessária uma interpretação artística. Na escrita de Clarice, mesmo a despeito do fluxo que opera a partir, a princípio, de uma profunda inserção na questão da existência, teremos o mesmo efeito da terceira pessoa margueritiana. Vale o exemplo da passagem abaixo:

Escuta, diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos. Não, não te assustes! Certamente o que me havia salvo até aquele momento da vida sentimentalizada de que eu vivia, é que o inumano é o melhor nosso, é a coisa, a parte coisa da gente. Só por isso é que, como pessoa falsa, eu não havia até então soçobrado porque a parte coisa, matéria do Deus, era forte demais e esperava para me reivindicar. O grande castigo neutro da vida geral é que ela de repente pode solapar uma vida; se não lhe for dada a força dela mesma, então ela rebenta como um dique rebenta – e vem pura, sem mistura nenhuma: puramente neutra. Aí estava o grande perigo: quando essa parte neutra de coisa não embebe uma vida pessoal, a vida vem toda puramente neutra.

As palavras “coisa” e “inumano” se referem ao Fora. Clarice Lispector cria o seu passar da linguagem à “coisa”, ao “inumano”, na direção do Neutro. Sair da vida sentimentalizada através dela, porque o sentimento sempre será linguagem, e iluminar o próprio trajeto, *dar visibilidade* à chuva do devir, ao Verbo, ao rumor, no processo instável da decantação da sensação (que se furta à interpretação ainda) até o que pode ser dito. Viver o neutro estado da vida, mostrar como ele se dá, destrinchar a sua expressão no humano, na sensibilidade. E assim ser impessoal. E, imantada na intensidade, fazer um outro trajeto, um outro percurso

possível, diferente do que o da terceira pessoa – tantas vezes citada por Deleuze –, como condição especial das obras de escritores “típicos” quanto às manifestações mais contundentes do pensamento do Fora (Kafka, por exemplo).⁵⁰ E por que não? Afinal, não é assim que procede a literatura? Criação heterogênea de trajetos singulares, devires e sensações inauditas, dentro da linguagem significativa e gramatical? Júlia Almeida a esse respeito demonstra como se processam as possibilidades criativas dentro da literatura. Ela afirma:

As mutações do literário, tornando-se forma moderna do ser da linguagem, distinguem-no das suas formas gêmeas “por um corte profundo”, na medida que é uma forma de ruptura e de compensação deste nivelamento mesmo que torna a linguagem um objeto de conhecimento formalizável. Ela libera um “contra discurso” que leva a função representativa e significativa ao ser bruto da linguagem.⁵¹

Ora, não se pode deixar de comentar que é de dentro da literatura que o Fora canta. Que é de lá que ele se expressa infinito e ruga. Que o ser da linguagem se combina, se agencia, se opõe e desliza, contra-discursiva, na relação com a materialidade da palavra. É justo de suas inúmeras possibilidades e combinações que o finito da linguagem permite o infinito do ser da linguagem se expressar. E Clarice Lispector leva exponencialmente ao *stress* a representação, como se tivesse afirmando: “Olha o que eu vivo para escrever o que estou escrevendo, percebe que eu sou ainda uma Outra natureza?” Se desloca, vive duas vozes em uma única escrita. Faz devir consigo mesma. Devém sua relação com o inexprimível, com o desconhecido. Fica entre a escritora, em sua luta diária com o não-ser da linguagem, e a personagem que escreve, em primeira pessoa, sobre a sua inusitada descoberta do estado “sem nome, sem gosto e sem cheiro”⁵² do Neutro. Devir absoluto vindo da dissonância, da fragmentação e da distância de si mesma, acontecimento que a escrita exige, força. É do entre si mesma que a autora escreve. De lá, do sem “região”, dentro e fora de si, que se insinua o devir, o que deve ser dito, mas que não pode, essa suprema inadequação. Coincidência

⁵⁰ Levy, 2003, p. 42. Se referindo à relação do escritor com o Neutro: “O Ele funda a experiência literária é, portanto, esse outro, que nada tem de mim. Um outro que não é nunca um eu, que permanece sempre como inacessível, como o Fora absoluto” E, neste ponto, não há contradição. O que Clarice Lispector faz em G.H é uma espécie de meta-escrita, incita o leitor a viver e mostra como o Neutro, ou a vida, se furta, e, no entanto, é dada como experiência sensível.

⁵¹ Almeida, 2003, p. 216.

⁵² Lispector, 1998, p. 86.

divergente de inadequações: a de a linguagem pretender dizer o que se furta a ela, e ao mesmo tempo, a da personagem diante da angústia de tentar expressar o Neutro. Júlia Almeida torna mais claro o que Clarice Lispector realiza, se referindo ao conceito de “agramatical” na filosofia de Gilles Deleuze:

É este devir que a literatura impõe à linguagem – traço do intempestivo –, é esta novidade na linguagem que o agramatical deleuzeano recolhe e é dela que ele fala. O agramatical como “contornos da frase na literatura moderna” realiza plenamente a fórmula de um finito-ilimitado – um número finito de componentes dando uma diversidade ilimitada de combinações – e, ao lado dos componentes genéticos e do silício nas máquinas de terceira geração, lança-nos na aventura deste finito-ilimitado. Criação de um campo de possíveis, eis a função do agramatical.⁵³

A internet também se processa por combinações finitas que geram o infinito. Mas ainda, por uma diferença de grau, na intensidade do pensamento, segue esta tese. Utilizar as forças agramaticais, que torcem a linguagem e ser infinitos a partir do finito. A intenção aqui não é aprofundar estudos da lingüística, mas de a usarmos como apoio. Assuntos como: a presença de traços intensivos na escrita, os estudos dos procedimentos (tais como a linha transversal, o precursor sombrio, a palavra esotérica e a palavra-valise), a importância de a obra literária ser vista com um composto de diferença não totalizado, a coexistência de vários pontos de vistas em uma frase e outras complexidades resultantes da gênese da diferença da repetição, em estilos, tipos de escrituras (fragmento) e nas divergências entre séries disjuntivas do sentido, envolvem implicações e dispositivos fundamentais na filosofia de Gilles Deleuze, sobretudo na sua interlocução com Michel Foucault, no tocante ao funcionamento da linguagem e da literatura, mais especificamente⁵⁴. “Máquinas de silício da terceira geração”. Bem poderia ser uma frase *link* na internet. Portanto, será. Porque assim se inventa também a tese. O encontro agora é antes de tudo com a tecnologia internet, o pensamento do Fora e a autora de *A Paixão Segundo G.H. Back* (aciona-se no *browser*).

⁵³ Almeida, 2003, p. 216.

⁵⁴ Almeida, 2003, p. 133. A respeito da convergência entre a Filosofia de Gilles Deleuze e os estudos literários realizados por Maurice Blanchot, a interlocução com Michel Foucault e as referências recorrentes com a literatura de forma geral: “uma filosofia da diferença faz-se ao lado de uma literatura que pretende liberar o pensamento e a linguagem das categorias que os formalizam, por meio de uma agramaticalidade radical trazida à luz pelo ato de escrever”.

Se estranhar, ser outra pessoa em um aprofundamento na superfície da sensibilidade extrema da sensação, ser “coisa”, inconciliável, estar diante ou junto de algo indizível em sua humanidade, isso corresponde a desembrulhar o não-ser da linguagem, acenar sua expressão extra-ser para os leitores, retirando-o do pacote formal da linguagem. Ser intempestivo. Deixar tempestades de sentido suspenderem a sensibilidade. Ser infinita na sua condição finita. Banho do agramatical.

E Clarice Lispector transgride mais do que Kafka, pois utiliza a primeira pessoa para mostrar o trajeto desta passagem para o estado do Neutro. Há que se dizer que Clarice Lispector descreve o próprio processo de formação de um platô intensivo, no escritor, até que desponte o Fora. Mostra as fases constituintes do Fora, as camadas do devir, suas dobras internas e vastas. E essa prática literária é uma maneira de se iniciar no Outro totalmente, de estar na energia (Verbo de Paulo Bauler) que se antecipa à palavra, de partir para este Outro mundo imanente, sem ter deixado de estar lá, desde sempre, apenas “disparado desde si”, intensivamente, pelo *acontecimento*. Ou pela sensação. E é assim também, através do quarto que se transforma num “quarto feito de sensação”, mergulhada no humano horror diante do Neutro (neutro nu, de uma nudez imprópria até à imagem), que a personagem (duplo devir que gerará outro devir) devém ou mostra o seu próprio devir refletido no espaço:

Nu, como preparado para a entrada de uma só pessoa. E quem entrasse se transformaria num “ela” ou num “ele”. Eu era aquela a quem o quarto chamava de “ela”. Ali entrara um eu a que o quarto dera uma dimensão de ela. Como se eu fosse também o outro lado do cubo, o lado que não se vê porque se está vendo de frente.⁵⁵

Eu que se tornou Ela. Personagem devindo dentro do livro. Clarice demonstra, representa, espelha o próprio personagem que criou, para se estilhaçar por excesso. *Non-sense*. O que se pode perceber é que o nível de concentração da representação e artifício, na obra de Clarice Lispector, atinge proporções ou intensidades altíssimas, – para usar uma expressão mais adequada –, de forma proposital. Há um adensamento que visa forçar os limites da linguagem, para que haja a liberação do que é indizível. *Non-sense*. Do devir que é vida. Como o teatro

⁵⁵ Lispector, 1998, p. 60.

grego e suas máscaras precisam acentuar o falso para liberar a vida. É como se a escritora buscasse infinitas possibilidades no limite da linguagem para fazer sobrevoar, ficar em suspenso, a sensação do que não pode ser dito, mas que se insinua para fora de qualquer sentimento. Sensação de uma violência de pensar a vida a partir da escrita como forma inadequada. O trecho acima procura “uma forma no espaço” para tentar dar visibilidade a um processo interno e paulatino de transferências de estados sensíveis. E se se quiser uma abordagem simbólica, não seria difícil argumentar que a figura do cubo é ideal para tal pensamento. O Cubo representaria a linguagem formal, a gramaticalidade, as palavras e suas formas, o léxico, o significante. “O outro lado do cubo” também é a linguagem, mas sua parte indizível, o desconhecido, a agramaticalidade, o sentido em sua bruma paradoxal. O fora e o dentro participando de sua expressão imanente. Quarto que se vê de fora e, ao mesmo tempo, intenso em interioridade. “Eu” ao mesmo tempo em que “Ela”.

Mas agir assim ou pensar assim seria tecer uma visão psicológica da arte, da literatura. E isso seria apaziguar as forças da obra que quer a vida, que tende para ela. G.H diz, na página 25:

o olhar psicológico me impacientava e me impacienta, é um instrumento que só transpassa. Acho que desde a adolescência eu havia saído do estágio do psicológico (...) Cumpri cedo os deveres de meus sentidos, tive cedo e rapidamente dores e alegrias – para ficar livre do meu destino humano menor? E ficar livre para buscar a minha tragédia.

Tese trágica já foi dito aqui. Trágico. Conceito de Nietzsche que aceita e celebra a vida como ela é. O foco desta tese é seguir uma abordagem de forças, um mapeamento tal que se infiltra por indizibilidade, porque se está tentando adentrar o não-ser da linguagem, o seu Devir propriamente dito, a sua potência intuída, o seu horror trágico, e aí tudo muda. É preciso, neste momento, extrair mais algumas linhas de *A Paixão Segundo G.H*:

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é visível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. **Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais.** Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem. Até criar a verdade do que me aconteceu. Ah, será mais um grafismo que uma escrita, pois tento mais uma reprodução do que uma expressão. [grifos nossos]⁵⁶

Maurice Blanchot já chamava a atenção para tanto. Sobretudo quando distingue a palavra ordinária, a linguagem corriqueira, daquela fundada pela literatura. Dizia:

A palavra literária é fundadora de sua própria realidade. Esta realidade tem como característica ser obscura, ambígua, desconhecida. O engajamento do escritor consistiria menos em fazer a ponte entre literatura e realidade exterior do que em estabelecer como se constitui a própria realidade literária.⁵⁷

Mais uma vez é o ser da linguagem fundando o seu próprio mundo, um lugar onde o mundo se desterritorializa em palavras e as palavras se reterritorializam sobre o mundo, para repetir uma fórmula comum à filosofia de devires de Gilles Deleuze. E é interessante observar que Gilles Deleuze está sempre comentando a literatura a partir do extra-ser, do devir, do que não chega nunca a ser, a não ser o ser do devir – e neste sentido, sem dúvida revela uma inspiração genuinamente nietzscheana⁵⁸.

Clarice Lispector retoma o contato com o conceito do Fora – basta repetir o grifo do último trecho que diz: “Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais”.

Apenas para ilustrar, sempre iniciando pelo meio, se apresenta mais um grafismo. Números tomando o lugar das palavras. O texto abaixo, retirado de um *site de social networking*, telegrafia a partir de uma semelhança gráfica entre letras e números. Desconstrói, desterritorializa ambos, as letras e os números. Fornece

⁵⁶ Lispector, 1998, pág 21.

⁵⁷ Levy, 2003, p. 19.

⁵⁸ Deleuze, 1997, p. 39.

uma nova utilidade. Mesmo sendo pela similitude, mesmo ainda podendo adentrar a linguagem conhecida, é mais um exemplo de telegrafia digital, que incita à tradução. Existem milhares de exemplos destes na internet. É o rizoma torcendo a escrita, reterritorializando utilidades, inventando jogos para resignificar.

3M UM D14 D3 V3R40, 3574V4 N4 9R414, 0853RV4ND0 DU45 CR14NC45
8R1NC4ND0 N4 4R314.
3L45 7R484LH4V4M MU170 C0N57RU1ND0 UM C4573L0 D3 4R314, C0M
70RR35, 94554R3L45 3
9455463NS 1N73RN45. QU4ND0 3574V4M QU453 4C484ND0, V310 UM4
0ND4 3 D357RU1U 7UD0,
R3DU21ND0 0 C4573L0 4 UM M0N73 D3 4R314 3 359UM4. 4CH31 QU3,
D3P015 D3 74N70 35F0RÇ0
3 CU1D4D0, 45 CR14NC45 C41R14M N0 CH0R0, C0RR3R4M 93L4 9R414,
FUG1ND0 D4 4GU4, R1ND0
D3 M405 D4D45 3 C0M3C4R4M 4 C0N57RU1R 0U7R0 C4573L0.
C0M9R33ND1 QU3 H4V14 49R3ND1D0
UM4 GR4ND3 L1C40; G4574M05 MU170 73M90 D4 N0554 V1D4
C0N57RU1ND0 4LGUM4 C0154 3 M415
C3D0 0U M415 74RD3, UM4 0ND4 P0D3R4 V1R 3 D357RU1R 7UD0 0 QU3
L3V4M05 74N70 73M90 P4R4
C0N57RU1R. M45 QU4ND0 1550 4C0N73C3R 50M3N73 4QU3L3 QU3 73M
45 M405 D3 4LGU3M 94R4
53GUR4R, 53R4 C4942 D3 50RR1R!! S0 0 QU3 93RM4N3C3 3 4 4M124D3, 0
4M0R 3 C4R1NH0. 0 R3570
3 F3170 4R314.
V4I3U 93I4 SU4 4M124D3....⁵⁹

Clique de volta no *browser*. Clarice Lispector de novo com a palavra. Ela revela a impossibilidade sobre a qual se debruça, uma bem mais radical do que o grafismo acima: criar uma linguagem que nada expõe, porque não pode. Uma linguagem indeterminada. Sem finalidades. E impossível ao humano conhecer. Tatiana Salem completa o diálogo que esta tese acaba de ‘criar’:

Tentar definir e esclarecer o que seja o Fora talvez seja uma tarefa que, além de árdua, não seria muito válida, A noção de Fora será sempre difusa, indeterminada, como algo que se desvanece e que não se pode nunca capturar.⁶⁰

⁵⁹ www.gazzag.com.br

⁶⁰ Levy, 2003, p. 82.

A dificuldade evidenciada por Tatiana tem sido também a deste trabalho. Como falar de algo que se furta à linguagem? Que, por sua natureza, nunca se pode capturar? Eis a dificuldade que se impõe. Eis, entretanto, o conceito do Fora e sua linha de fuga sempre fugidia. *O Non-sense*.

Se está, neste ponto, em um problema de potência, ou em um estado de problematização que o sentido implica. Há toda uma violência, um estado limite para o pensamento, para as faculdades. Elas estão sendo forçadas. Numa inspiração deleuzeana:

É preciso que cada faculdade seja arrancada do seu exercício empírico, que o impensável seja pensado, só assim algo de novo, de não estabelecido, pode ser pensado. Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar o pensar no pensamento.⁶¹

Essa experiência limite, essa violência é o Fora. Intensivo, propriamente dito. Assim cada faculdade deverá saltar em potência quando confrontada com o seu limite, isto é, com aquilo que lhe concerne exclusivamente no mundo, o seu próprio. Em uma espécie de exercício superior, cada faculdade da percepção, vivendo dentro do limite de seu mundo próprio sofre um estressamento, um estado máximo, extremo, de potência, do que pode. A sensibilidade ao se deparar com um signo, o sensível, o que só pode ser sentido, se violenta e salta. A memória, forçada pela sensibilidade, vai de encontro com o que pode ser lembrado; e o pensamento, forçado pela sensibilidade e pela memória, deve apreender aquilo que só pode ser pensado, a sua essência, ou o impensado. Ou seja, todas as faculdades, em seus limites, devem atingir o inapreensível, o insensível, o imemorial, o impensável. O signo é então a pura heterogeneidade, a diferença, o problemático, força. São as diferenças das relações de forças no sentido que devem ser criadas, interpretadas. E é apenas na sua indizibilidade que o sentido pode se dizer. Apenas no enunciado que o enuncia, o sentido diz. Não é possível a um outro enunciado dizer o sentido que não lhe diz respeito. Foi apontado aqui o paradoxo de Frege quanto à impossibilidade da lógica de capturar o acontecimento. Um enunciado nunca pode dizer o sentido de outro, sob pena de

⁶¹ Deleuze, 1998, p. 78.

ir ao infinito de impossibilidade. Existe apenas um meio do sentido se dizer, é através do não sentido. Ser o que se cala na palavra só pode ser superado, paradoxalmente, se não for dito, ou enunciado por outra proposição. Paradoxo, *Non-Sense*, Vida, eis o Fora.

Vida que se expressa no paradoxo, é aí que sempre ela aparece, ela *acontece*, no Fora da linguagem. E, entretanto, só através da violência limite na linguagem que a vida pode se dizer.

Estou tentando te dizer de como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim. Não sei se estou entendendo o que falo, estou sentindo – e receio muito o sentir, pois sentir é apenas um dos estilos de ser. (...) Oh, não receio que não compreendas, mas que eu me compreenda mal. Se eu não me compreender, morrerei daquilo de que no entanto vivo. (C.L)

Se não se compreender, o ser humano vai morrer justo daquilo que Clarice Lispector chama de Vida. O que não se dá a conhecer, o desconhecido. A inexpressibilidade do que é viver. Dentro e fora ao mesmo tempo. Escrita que se nega, que se volta contra si, contra-discurso, a de Clarice Lispector. Escrita de paradoxo, imitando, representando ao máximo o irrepresentável. A Inumana escrita Vida. E, neste campo de relações de forças que o sentido impõe, há uma sedução para a criação. Para o inumano sentido.

Na comunidade Clarice Lispector, no tópico “Melhores Frases”, a usuária Helena cita a escritora: “A vida, meu amor, é uma grande sedução onde tudo que existe se seduz”. Tudo se seduz porque tudo se afeta. Até os ares. Pelo sentido. A literatura faz existir o mundo literário, onde tudo se seduz através de sua própria criação. Movimento resultante das forças que se afetam, que oscilam para direções distintas. Ora se deixam atrair por uma série de sentidos predominantes, ora se desvanecem, porque a carga sedutora minimizou. Está sempre por se criar, como o que força a ser capturado. Mas isso depende do encontro, da sedução que ele cria como consistência. Plano de imanência. No *Livro por Vir*, de Maurice Blanchot, existem vários exemplos disso. O sentido como o que está sempre no meio, pedindo para ser criado. Forças exponenciais entre palavras, criadoras de mundo. Inumano mundo das palavras, do não-ser da linguagem. Poesia do Verbo, energia anterior ou do meio. Então, sobretudo, é preciso criar justamente sobre o que não pode ser pensado. É o que esta tese pretende. Criar encontros impensáveis.

E Clarice Lispector insiste neste platô. Insiste, neste último trecho, a palavra “inumano”. Esta manifestação que se furta à linguagem, esta que não se dá a conhecer, compreender ou o não-ser da linguagem por excelência. O Neutro. O Inexpressivo de Clarice. O Inumano.

Este salto concentra o conceito até que ele se converta em Vida, por saturação, como faz Clarice. E sem *hiperlink* agora, esta tese pretende capturar o inexpressivo em seu lúmen sensacional, em sua aparição vestida de linguagem. Diz Clarice Lispector:

Ser vivo é um estágio muito alto, é alguma coisa que só agora alcancei. É um tal alto equilíbrio instável que sei que não vou poder ficar sabendo desse equilíbrio por muito tempo...

Se não se dá a conhecer, através da razão ou conhecimento, não é matéria de um saber clássico. Há toda uma velocidade no impensado. Sua passagem é veloz para o pensamento usual, por isso não é possível ficar nela muito tempo. Essa instabilidade do impensável desequilibra a linguagem, e ao mesmo tempo é sua homeostase. E então se aproxima o momento na qual a personagem, a escultora, ao final de *A Paixão Segundo G.H.*, dá o salto para o impensado no pensamento, para o não-ser da linguagem na linguagem. Ruge o inexpressivo, os dentes feitos de palavra dará sua mordida triunfal. O conceito a espreita de vida, de arte, na literatura. A sensibilidade coloca em cheque a razão e a linguagem, e a si própria, o negar que se afirma – do conceito do Fora –, imprime sua inconsistência imanente. Clarice continua:

Quem sabe, ser homem como nós, é apenas uma sensibilização especial a que chamamos de “ter humanidade”. Oh, também eu receio perder essa sensibilização. Até agora eu tinha chamado de vida a minha sensibilidade à vida. Mas estar vivo é outra coisa. Estar vivo é uma grossa indiferença irradiante. Estar vivo é inatingível pela mais fina sensibilidade. Estar vivo é inumano (...).

Camadas de sentido se superpõem. Conceito fazendo devir. Indizível, Coisa, Neutro, Impessoal, do Fora, inexpressivo, não-ser da linguagem, e agora Inumano. Essa grossa indiferença que não pode ser capturada pela percepção, pela consciência e, segundo Clarice Lispector, até pela sensibilidade. Negação da sensibilidade também como via. Impessoal absoluto. Sensação pura, avesso da sentimentalização. Estar vivo ou a vida é inatingível pela linguagem. É ainda uma

“outra coisa”. Insiste no humano, na linguagem, é estar Fora, na interioridade mais radical e intensiva do ser literário, a sua negação. É a negação do sensível como última resistência ao pensamento do Fora. Limite da percepção rugindo sua insuficiência. Radicalidade do impensável, não compreensão que, no entanto, deve ser compreendida como incapturável até pela sensibilidade humana.

E as frases encurtam. A escritura da tese deixa intervalos, silêncios, zonas intersticiais entre as palavras repercutirem o sentido. Colapso. Pois o rizoma do sentido pede passagem Entre. O inumano é quase uma ojeriza para a linguagem. Assim como anuncia Clarice em *G.H.* É assim que se sente a escultora, a artista. Sim, a personagem tinha de ser artista. E sua busca sobre a vida através da vasta superfície da sensibilidade termina no insensível, nesse limite: “Até agora eu tinha chamado de vida a minha sensibilidade à vida. Mas estar vivo é outra coisa”.

Urge, no entanto, ressaltar que esta “outra coisa” não é uma transcendência. Mas, ao contrário, pura imanência. É de dentro da vida que a vida é outra coisa. É de dentro da linguagem que o não-ser da linguagem é presença. O conceito de Fora é intensidade, interior e exterior ao mesmo tempo. O artista – a sua frágil saúde, como comenta Gilles Deleuze, em *Mil Platôs* – é quem melhor vislumbra o insensível, a partir do sensível. O Inumano estado que força a pensar, só se insinua no limite do pensável. A vida humana é o túnel de devires, o platô que deixa passar o inumano. Assim como é da porosidade da linguagem, dessa perfuração decorada de significados, dessa osmose entre palavras, que se amplifica o gradiente, a condição intensiva, pelo qual o rizoma do sentido desliza. Se reflete, por excesso.

Neste ponto, será interessante voltar à internet.

Os *sites* de *social networking*, suas comunidades e *blogs* são predominantemente comunicáveis pela escrita. É a escrita que os constrói. Que os dissemina. E não é à toa que eles se parecem com diários. São descrições pessoais, de gostos, atos, atitudes, mas sem a intimidade de guardar para si mesmo. Estão expostos, virados para fora. Podem receber anexos de estranhos, de pensamentos vindos da mais distante exterioridade. Essa imensidão de textos se interpenetra via *links*. Os usuários oferecem uns aos outros *links* para outros *blogs*, *sites* e páginas. Uma infinidade de páginas se interpenetra a partir de navegações perfurantes, de conexões sobrevoantes. E não é apenas uma condição eletrônica que interage, mas também os agenciamentos dos sentidos do que foi escrito. E também das

“leituras” que outras pessoas fizeram do que alguém escreveu, sem ter sido “postado”. Esses sentidos perdidos, talvez à espera de uma oportunidade que pode nunca vir. Rizomas de sentidos se atravessam, entre leitores e produtores de textos. Não será muito difícil verificar que os perfis dos usuários produzem uma sensação de que se está diante de personagens, de heterônimos. A distância que a interface virtual da internet indica desinibe, mas também produz farto material para a criação de outros personagens não sabidos em si, a despeito do estereótipo, mais comumente expresso. Há uma tentativa de singularizarão. A identificação de comungarem os mesmos interesses, assuntos e rotas de navegação são refletidos pelas comunidades.

Mas uma busca mais minuciosa demonstrará, sem dificuldades, que o perfil de cada usuário, libera fluxos divergentes de navegabilidade. Às vezes um perfil é um olho, a imagem de um olho apenas. Bonecos, desenhos famosos, também aparecem, sem nada dizer da pessoa que criou o perfil. E esta insurgência também acontece pela escrita. *Links* são frases, códigos, escritas ou palavras. Ou ainda imagens. É a linguagem que permite conectividades com novas realidades, novas “literaturas”, leituras, onde sentidos farão encontros. A este respeito, em artigo recente, Dagomir Marquezi, da *Info Exame Online*, alerta sobre os riscos de trocar desentendimentos por *e-mails*:

Brigar por e-mail é muito perigoso. Existe pelo menos um par de boas razões para isso. A primeira é que você não está na frente da pessoa. Ela não é “humana” à distância, ela é a soma de todos os defeitos. A segunda razão é que você mesmo também perde a dimensão de sua própria humanidade. (...) Principalmente quando você ama de verdade a pessoa do outro lado. Um tiroteio de mensagens escritas tende à catástrofe (...) Palavras escritas ficam. Podem ser relidas muitas vezes.⁶²

Dagomir consegue mostrar como a escrita torna tudo diferente. Como as pessoas se tornam heterônimos. E, sobretudo, com que potência a palavra e a escrita se amplificam, se disseminam, impessoais, podendo mesmo gerar conflitos que um encontro pessoal dissolveria. O ato de reler capta os fluxos inconscientes do que foi escrito, perpetua e dobra as ondas dos sentidos. Há muito esta tese vem se referindo ao agenciamento máquina/humanidade. E sem querer comentar mais

⁶² www.infoexame.com.br. A matéria intitulada “A Internet não é Ringue”, pode ser lida também no exemplar de janeiro, p. 34.

profundamente as modificações produzidas pela internet nos relacionamentos interpessoais, não é o caso deste trabalho, o artigo de Dagomir espelha bem a amplitude e a intensificação de duas potências da escrita na internet: a da criação de uma impessoalidade, uma quase heteronímia; e da ampliação ou difusão do sentido, como intensidade virtual, “agregado indizível”, no que foi escrito. Ou seja, além do rizoma digital, a internet potencializa o rizoma da linguagem, mais especificamente da escrita e do *acontecimento* do sentido ou do pensamento do Fora.

Os *blogs* e as comunidades dos *sites* de *social networking* são bons exemplos disso. Ainda na comunidade de Clarice Lispector, no Orkut, um usuário disponibiliza um *link* para um artigo de Sérgio Lima, da revista *Agulha/Cultura* n° 9, e ele promove um encontro entre a escritora e Cornélio Penna, agenciamento este que servirá como energia rizomática disparadora do novo platô desta tese⁶³ – apenas porque é essa a navegação em que se quer estar –, ainda na direção do conceito do Fora. Comenta Sérgio Lima:

Quero, ainda, estabelecer mais uma relação. Tanto Clarice Lispector quanto um seu eminente predecessor nos mergulhos abissais da mente, no caso da *mente culpada*, um excepcional Cornélio Penna, têm igualmente passagens importantes nas artes plásticas. Penna nos anos da I Guerra e início dos ‘20, e Lispector no pós-II Guerra, cerâmica, e início dos ‘70, pintura. Além do que, certos contos de estranhamento característicos do feitio de Clarice Lispector e seu embrenhar-se, sugerem por momentos, e mais de uma vez, o âmbito intimista e lunático, neurótico e flagelante dos “folguedos” adolescentes do jovem e retraído Cornélio Penna. Possivelmente sem Clarice Lispector conhecer detalhes dos aspectos biográficos de Cornélio Penna, como decorrência de sua marginalização por parte dos modernistas, não deixa de ser intrigante, senão desconcertante o fato de Clarice em mais de uma narrativa praticamente especificar ou quase retratar Penna em sua intimidade, um solitário de jogos, do perigoso e do proibido, ele, um solitário e sua enigmática adolescência. O fato de Penna fazer parte do grupo de amigos de Lúcio Cardoso, portanto um conhecido dos bares que teria cruzado alguma vez com Clarice e Lúcio, nem por isso o tornaria passível dos desvendamentos psicológicos avançados pela escritora e, menos ainda, cabível os tais aprofundamentos intimistas com que abisma certos personagens seus.⁶⁴

⁶³ Aliás, onde começam e terminam os platôs nesta tese? Mas não são os platôs energias que vivem de estar no meio? Por isso, se optou, nesta escritura, não dar limites, ou terminar e iniciar platôs. Mesmo o platô inicial começou do meio da vida, assim o platô a tese propriamente dita.

⁶⁴ <http://www.revista.agulha.nom.br/ag9lispector.htm>; Neste artigo, Sérgio Lima, ainda apresenta também justificativas e outros pontos de contatos já abordados e que se abordará adiante, tais como: a aproximação de Clarice Lispector e Marguerite Duras – relação ele/ e a impessoalidade; a prática intensiva de Clarice Lispector e Cornélio Penna, como elemento condicionante para a relação com o conceito do Fora.

Sérgio Lima passa perto, apenas está preso ao psicológico e à mente. O fluxo irreverente do pensamento que se está tentando mostrar – essa tarefa inexecutável – não se atém ao psicológico ou ao racional, mas certamente o fragmento será uma ótima energia de passagem. Há que se aproveitar tal chamamento. Há que se estar atento aos encontros caóticos. Mesmo os digitais, sobretudo, os de um *blog*. Tese rizomática deve ser escrita assim.